

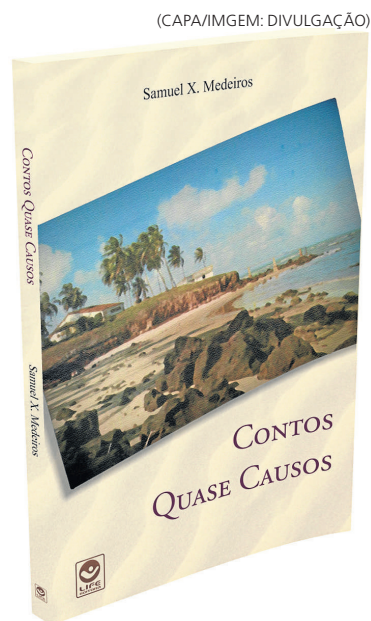
Suplemento Cultural

Os ‘Contos Quase Causos’ de Samuel Medeiros

**RUBENIO MARCELO – POETA
ESCRITOR E MEMBRO DA
ACADEMIA SUL-MATO-GROS-
SENSE DE LETRAS**

“Não há maior agonia do que ter uma história não contada dentro de si”, assim explicou, com propriedade, a escritora americana (recém-falecida) Maya Angelou. E, certamente, desta amargura jamais padecerá o nosso Samuel Xavier Medeiros (atual presidente da União Brasileira dos Escritores/MS e membro do Instituto Histórico e Geográfico de MS), vez que – como um dos principais nomes da contística literária regional contemporânea, além de exímio romancista – não deixa história sem ser contada, e, deste modo, há muito vem presenteando seus leitores com belas obras do gênero.

Destarte, patrocinado pelo FIC/MS e com chancela da Ed. Life, Samuel chega agora com mais uma publicação: ‘Contos Quase Causos’, que está com lançamento agendado para a próxima sexta-feira (12/09), às 19h, na livraria Le Parole



(CAPA/IMAGEM: DIVULGAÇÃO)
Apresentação em 3D do livro ora comentado

(Campo Grande). Contendo ‘comentários de orelha’ de nossa autoria, o livro traz prefácio da professora e pesquisadora Albana Xavier Nogueira, que assim

ênfata num trecho: “Embora a maioria dos contos desta obra estruture-se dentro do confuso limiar entre o real e o imaginário, em alguns deles, como Pérolas, O rei e o hipopótamo, O rio e a floresta, sobressai-se o discurso construtor do realismo maravilhoso, em que verossímil e inverossímil coexistem, harmoniosamente, dentro dos limites da ficção”.

Neste volume, vamos encontrar vinte e cinco contos dotados de profundidade e vigor estético, cujas características narratológicas proporcionam deleite, reflexão e transcendência, induzindo naturalmente o receptor a um estado d’alma deveras enlevado, muitas vezes hesitativo, diante das situações grávidas de surpresas/suspenses e contemplos extranaturais tão bem inseridas nos respectivos contextos. Como explicita o título, temos neste livro – na linha daquela assertiva de Michèle Simonsen: “A arte de contar situa-se entre a criação e sua reprodução” – contos com atributos bem aproximados dos chamados ‘causos’, com peculiar argumentativi-

“

No livro, vamos encontrar 25 contos dotados de profundidade e vigor estético, cujas características narratológicas proporcionam deleite, reflexão e transcendência”

mas, Samuel Medeiros mescla (com maestria) aspectos da narrativa popular com recursos linguísticos modernos, dialogando com os labirintos do universo fictício e dosando lúcidas metaforizações, além de outros símbolos e imagens – recursos que proporcionam liberdade (inquietação) aos leitores e os encaminham (em clima) para as esferas do ‘misterioso’, do ‘surreal’, do ‘insólito’ e do ‘fantástico’ (às vezes, do humor sutil e da ironia/crítica), situando-os nas searas do cotidiano e das emoções circundantes – tudo em perfeita harmonia com os elementos tempo/espaço/enredo/personagens/narrador.

Todo o conjunto deste novo livro de Samuel X. Medeiros agrada, haja vista a originalidade e a impressionante força expositiva do autor, que – com desvelo e consciente ousadia – estrutura seus contos [e/ou causos] numa atmosfera enigmática entre o racional e o irracional, encadeando fatos atraentes e interligando a lógica visão do nosso conhecido mundo real às experimentações extraordinárias do imaginário.

Vamos conferir!

de e traços evidentes de oralidade, inclusive alguns contendo os tradicionais padrões introdutivos “conta-se que...”, “dizia-se que...” etc.

Sempre fiel à estrutura artística dos textos e o tratamento literário dos te-

POESIAS

MEU NAUFRÁGIO

Na sua face há cores de alvoradas
A tingir o mistério das distâncias...
Nos seus cabelos dormem as estradas
Das minhas noites de andarilho em ânsias!

Na sua boca há frutas cobiçadas
Por todos os desejos das crianças...
Seus olhos são lagoas povoadas
Por meus sonhos vogando em esperanças!

Seu colo são areias já beijadas
Pelos ondas azuis de algum mistério...
Elas beijam e morrem afogadas!

Também assim é a morte que eu espero:
Pois se a sede sacio em suas águas,
Afogado em você morrer eu quero!

GERALDO RAMON PEREIRA

NOSSA MOCIDADE

Ao clarim das líras,
a musa quer despertar
nossas almas tristes que não sonham mais,
projetos de glórias nos faltam,
embora, na quadra risonha.

Mas, desenganada a juventude
de presumidas maravilhas,
detesta o senso da virtude,
e o culto troca por vigílias.

Ponde em guarda, jovens tristonhos!
Sois bons,
apenas a perfídia
em vossos corações avulta;

crede no Bem e na Pórfia,
com frenesi provai dos sonhos,
despertando
as vossas quimeras ocultas!...

LEAL DE QUEIROZ

CASA MÁRIO DE ANDRADE

RAQUEL NAVEIRA

Entre com uma pasta cheia de livros no elevador. Uma senhora de cabelos castanhos e óculos dourados cumprimentou-me sorrindo:

– Vai dar aulas?
– Sim, uma oficina poética na Casa Mário de Andrade.
– Na rua Lopes Chaves?
– Isso.

– Morei na rua Margarida, fui vizinha de Mário de Andrade. Minha mãe era amiga de Dona Maria Luísa, a mãe de Mário. Costurava roupas para ela. Muitas vezes, eu era uma menina de uns sete ou oito anos, eu o via tocando piano ou debruçado na janela observando a brincadeira da criança.

O elevador se abriu e nos despedimos. Reconheci que ela, por trás do sorriso e dos óculos dourados, tinha uma experiência maior que a minha de vida, de São Paulo e de Mário de Andrade, malgrado o peso de minha pasta cheia de livros.

Que emoção pisar na casa de Mário, naquele canto da rua Lopes Chaves. Um sobrado simples, de cômodos grandes e arejados. Não é um museu. Das coisas de Mário, restaram o piano preto, alguns livros numa estante e um antigo armário de xícaras e louças na cozinha, onde ele certamente guardava um doce de calda e um vinho econômico. Na principal sala de aula, uma fotografia enorme do grupo que participou da Semana de Arte Moderna: Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Guilherme de

Almeida, Oswald de Andrade, Murilo Araújo, Paulo Prado, Graça Aranha, Victor Brecheret e o jovem Mário, que se tornaria o líder dessa revolução artística.

Os alunos me aguardavam no andar superior, no quarto que pertencera a Mário. Fecho os olhos e posso vê-lo: alto, queixo enorme, de robe de chambre de seda, sentado junto à escrivaninha, à luz do abajur, sempre lendo, pesquisando, escrevendo cartas que enviava a intelectuais de todo o país. Sobre a escrivaninha, a máquina de escrever, que ele chamava de “Manuela”, em homenagem ao poeta Manuel Bandeira; as laudas de papel em branco que depois tomaram forma de livros como *Pauliceia Desvairada*, esse canto cruel, concebido entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, buzinas de automóveis e fagulhas de bonde.

O ambiente da casa de estudos hoje é tão despojado, mas sei que essas paredes eram cobertas de quadros como o “Homem Amarelo”, comprado naquela célebre exposição de Anita Malfatti, que revelou para ele uma transformação radical de conceitos. Que admiração tinha Mário por essa artista cheia de paixão e arrebato, que pintava a ventania, a chuva, a neblina, os faróis e as cabanas de pescadores em telas e mais telas, num turbilhão estranho de cores e formas. Talvez ela o tenha amado secretamente. Um amor não correspondido e sublimado.

Pensar que nessas salas aconteceram reuniões, de-

bates, polêmicas sobre o futurismo, essa ânsia de esfacerar velhos moldes literários e arejar o pensamento. Que aqui Mário ora tocava músicas para os amigos, ora lia poemas, ora comentava trechos de seus romances, como *Macunaíma*, o herói brasileiro sem nenhum caráter, o anti-herói, o resultado da miscigenação de várias etnias e culturas.

Debaixo desse teto, Mário envelheceu e viu tudo explodir: políticas, guerras, ditaduras, amizades profundas, casamentos de artistas. Como devem ter doído o rompimento com Oswald de Andrade por discordâncias em questões estéticas e morais e os gritos do povo na rua: Getúlio, Getúlio! Como deve ter sofrido ao perceber que não mais fazia sentido a sede destrutiva da Semana de Arte Moderna.

Depois de um período trabalhando no Departamento Municipal de Cultura, onde criou bibliotecas e discotecas, restaurou documentos, fez o levantamento do patrimônio histórico paulista, Mário enfrentou na rampa dos cinquenta anos um tempo triste, crepuscular, onde escreveu versos como estes: “Nesta rua Lopes Chaves/ envelheço, e envergonhado/ nem sei quem foi Lopes Chaves.// Mamãe me dá essa lua,/ ser esquecido e ignorado/ Como esses nomes de rua.”

Terminada a aula, ao descer a escada de madeira rangente, lembrei que foi ali que Mário, num domingo distante, sentiu uma dor no peito e tombou. À noite, um segundo ataque de angina foi fatal. Esgotaram-se as forças desse guerreiro, proletário da inteligência.

Amanhã, se eu encontrar de novo aquela senhora de cabelos castanhos e óculos dourados, vizinha de Mário, poderei lhe dizer que ainda há afeto familiar, modéstia e bondade, naquela casa da rua Lopes Chaves.

“Aniversário” da Polícia Militar de Mato Grosso do Sul

GUIMARÃES ROCHA

Quando se tem a dimensão exata do que o Aniversário da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul (PMMS) possa representar historicamente, para a escolha dessa data é necessário encontrar nexo causal; faz-se um estudo percutiente e apresentam-se variadas possibilidades dentro de um painel que permita a melhor visão sobre o Aniversário de nossa Polícia Militar de Mato Grosso do Sul a respeito dessa questão cultural quanto histórica.

Vejamos, meus caros leitores, que nosso Estado de Mato Grosso do Sul nasceu fruto de uma divisão de Mato Grosso; foi criado em 11 de outubro 1977 e instalada a sua administração no dia primeiro de janeiro de 1979.

É de se pensar que a vida da Polícia Militar começa também nessa data de primeiro de janeiro de 1979; contudo, não houve esse entendimento e muitas vezes foi-se alertado sobre o fato de que, comemorar a cinco de setembro, como vinha e tem sido feito até então, e dizer que temos 174 anos de história e glória igual à PMMT, é a mesma coisa que dizer que eu tenho a mesma idade do meu avô só por uma questão de respeito e reverência.

Salvo melhor juízo, não tem sustentação o argumento de que a PMMS comemore a cinco de setembro o seu aniversário. Propor mudança não é uma questão de indisciplina, mas, sim, um respeito à cronologia histórica; o que se quer é uma reflexão apurada, pertinente.

Penso que muitos dos nossos policiais militares já observaram essa anomalia. Não se trata de querer fazer diferente; por exemplo, algumas instituições que foram desmembradas do antigo Estado (MT) não comemoram seu aniversário igualmente à instituição antecessora. Significa que é oportuno, pelo momento que vivemos de plena liberdade e de conhecimentos sobre a história da evolução da sociedade.

E uma sociedade como a nossa tem o direito de participar de algo que possa gerar segurança e respeito à história da nossa instituição PMMS.

Queremos propor, portanto, que se comece a contar a idade da PMMS dentro do primeiro ano de instalação; quanto ao dia, faço sugestão para que sejam discutidas entre três possibilidades e uma delas possa ser aprovada:

- no dia do aniversário do primeiro comandante geral da PMMS;
- no dia 01 de janeiro de 1979;
- no dia 21 de abril (Tiradentes).

A nossa proposta visa estabelecer a data de aniversário, de forma mais coerente com a história da nossa PMMS. Com isso não se perde o respeito e a reverência ao passado glorioso da PMMT, que teve e tem participação em diversas situações que exigiam sua presença forte. Afirmamos que tal presença prende-se à necessidade do controle de distúrbios civis, banditismo e outras ações, em que a sociedade clamava por uma ação eficiente e que se chegava a atos de extrema necessidade; inclusive a participação na Guerra do Paraguai.

É preciso exaltar a coragem dos Policiais Militares, que nos enche de orgulho pelo que foi feito e consagrado, para que chegassemos ao estágio de evolução e desenvolvimento humano de hoje.

A Polícia Militar do Estado de Tocantins, por exemplo, não comemora seu aniversário na mesma data que a PM de Goiás, assim como a PM de Rondônia não comemora seu aniversário na mesma data da Guarda Territorial, ainda que os fatos sejam de fundamental importância e estejam ligados às gloriosas histórias nacional e institucional.

É necessário coragem para caminhar com as próprias pernas, sem perder, claro, o respeito e admiração às origens. Mantêm-se, assim, as características próprias, reforçando-as. Ou se aprende a dançar a própria música, ou vai-se dançar, sempre, a música dos outros.

Atualmente a PMMT mudou sua data de aniversário, convencida a partir de um debate interno. Não é justo seguirmos sem debate aqui em Mato Grosso do Sul.

CRONOGRAMA DO PROCESSO DE ELEIÇÃO PARA DIRETORIA ASL

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras torna pública a abertura do Processo de Eleição para a sua Diretoria (mandato a partir de 31/10/2014), observando-se o seguinte cronograma: – Inscrições das chapas: de 10/09/2014 a 16/09/2014; – Deferimento das candidaturas: 19/09/2014; – Eleição (em assembleia geral): 02/10/2014. Outrossim, fica a acadêmica Maria da Glória Sá Rosa nomeada como coordenadora do presente processo eleitoral. As inscrições das chapas serão feitas junto à secretaria da ASL e deverão constar nomes de acadêmicos (com seus respectivos termos de ciência e concordância) referentes aos seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Secretário-Geral, Secretário, Tesoureiro e Segundo-Tesoureiro.

Campo Grande, 06 de setembro de 2014 – Reginaldo Alves de Araújo – Presidente

EDITAL DE CONVOCAÇÃO – ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao inciso I do parágrafo único do art. 23 do Estatuto da ASL, convoca os acadêmicos do Sodalício para assembleia geral, a realizar-se na sede da Academia, no próximo dia 02 de outubro, às 15h30min. A assembleia, que deliberará sobre as eleições para a composição da Diretoria (mandato a partir de 31/10/2014), realizar-se-á nos seguintes termos: a) em primeira convocação, no dia e horário estabelecidos por este edital, com a presença de, no mínimo, cinquenta por cento dos associados mais um; ou b) em segunda convocação, com um quarto deles, após 30 (trinta) minutos do horário previsto para a primeira convocação.

Campo Grande, 06 de setembro de 2014 – Reginaldo Alves de Araújo (Presidente).